

LITERATURA, CULTURA E LINGUAGEM NA/ DA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI

Geovana Quinalha de OLIVEIRA*

- **RESUMO:** A proposta deste artigo é refletir sobre as dinâmicas culturais, simbólicas e identitárias no/do território da fronteira Brasil/Paraguai a partir da literatura e de outros artefatos da cultura do presente, tais como música, linguagem, folclore, monumentos, entre outros. Como integrante desse lugar lindeiro busco pensá-lo enquanto *locus* que se constitui por intermédio de hibridismos, contatos, distanciamentos, conflitos e recusas. A proposta é ir muito além do mapa e pensar como esta localização é construída por constantes movimentos culturais em escalas de atos, corpos e linguagens de modo a romper pressupostos de prioridade ontológica e firmar territórios outros, alternativos. Para isso, é preciso apreender a região fronteiriça não somente como um “objeto de estudo”, mas, sobretudo, como um lugar produtor de idiossincrasias históricas e culturais propriamente inventivas, contingentes e particulares.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; cultura; fronteira Brasil-Paraguai.

*Quanto mais desaprendu – melhor
Percebo la diferença entre amor y amor y bolor*

*Los ayoreos usam sandálias quadradas –
Non dá para saber se suas pegadas estão indo ou voltando por la estrada*
(DIEGUES, 2007, p. 17)

A epígrafe escolhida justifica, em certa medida, as escolhas de meus objetos de estudos e posicionamentos teóricos. A fronteira entre Brasil e Paraguai,¹ da qual é integrante o Estado brasileiro de Mato Grosso do Sul,² marca o *locus* de enunciação³ de

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Estudos Literários. Florianópolis – SC – Brasil. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente do curso de Letras. Campo Grande – MS – Brasil. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Docente do Mestrado em Letras. Dourados – MS – Brasil. geovana.quinalha@ufms.br.

¹ O Estado de Mato Grosso do Sul faz fronteira com o Paraguai e a Bolívia. Neste trabalho, contudo, as discussões serão direcionadas somente à zona fronteiriça entre Brasil e Paraguai.

² No dia 1º de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar nº 31 dividindo o Estado de Mato Grosso e criando o Estado de Mato Grosso do Sul. O Estado de Mato Grosso, por sua vez, foi criado na Brasil Colônia com o desmembramento da Capitania de São Paulo, em 1748.

³ “Todo lugar de enunciação é, ao mesmo tempo, um lugar concreto, verdadeiro, e um lugar teórico ou desejado” (ACHUGAR, 2006, p.19).

Artigo recebido em 15/03/2022 e aprovado em 08/07/2022.

onde falo: um lugar periférico cuja paisagem é quase sempre invisibilizada não só pelo resto do mundo como também pelas políticas e histórias dos próprios países que constituem esse território limdeiro. Lugar de conflitos por terras, contrabandos, prostituição, lutas, cercas, naufrágios, assassinatos, abandono, preconceito, de expulsão de sujeitos, do outro, da falta, do excesso, mas também lugar de luta, de diversidade cultural, étnica, linguística e religiosa, de oportunidades de trabalho, de passagens, de fluxos constantes, de mudanças, de sonhos, de tolerâncias, de contínuas inventividades e (con)vivências. Lugar de paraguaios/as, bolivianos/a, sul-mato-grossenses, indígenas, pantaneiros/as, peões, brasiguaios/as, bugres, imigrantes, andarilhos/as e ervateiros/as cujas línguas são o espanhol, o guarani, o português, o “portunhol”,⁴ o “jopará”,⁵ o “Ñe ê Ngatu”.⁶

Esse território de efervescente dinâmica torna o interior da fronteira entre Brasil e Paraguai um lugar de tensão irreduzível, do não ser, da procura, da equivalência e da diferença produzidos a partir de trocas e resistências culturais de um entremeio que ora abarca o de dentro e o de fora, ora os separam e, às vezes, permite um se sobrepor ao outro, o que justifica abordá-lo enquanto paisagem local nunca pronta, acabada, sempre por construir e problematizar. Trata-se, portanto, de um entre-lugar cuja forma anárquica de formular a si pode ser observada, por exemplo, na literatura das (re)inventivas e mescladas linguagens dos brasileiros Wilson Bueno,⁷ Douglas Diegues⁸, Joca Terron⁹, Xico Sá,¹⁰ Ronaldo Bressane¹¹ e, mais recentemente, da autora Clara Averbuck.¹² Muito embora esses/essas e outros/as autores/as tenham nomeado seus trabalhos linguísticos de formas diversas, a exemplo do “portuñol selvaje”, “transportuñol borracho”, ou simplesmente

⁴ O *portunhol* é uma nomenclatura que se refere à linguagem coloquial da fronteira cuja construção se dá mediante a mescla das línguas espanhola, portuguesa e guarani.

⁵ Assim como o portunhol, o *yopará/jopará* é uma linguagem coloquial formada a partir da junção das línguas espanhola e guarani utilizada, sobretudo, pelos paraguaios e captada pelas literaturas brasileira e paraguaia, como se vê nas produções de Augusto Roa-Bastos e Josefina Plá. Em alguns trabalhos de Gloria Anzaldúa nota-se os usos dos hibridismos linguísticos entre o inglês e o espanhol nomeado de *Spanglish* ou *espanhol chicano*. Na literatura de Miguel Ángel Asturias há uma justaposição de elementos étnicos, culturais e linguísticos dos universos da cultura espanhol e maia. Entre o espanhol e o português destaca-se, na literatura hispânica, a obra de Julián Murguía.

⁶ Nome dado à linguagem fronteiriça desenvolvida por meio do trilinguismo – o guarani, espanhol e português pelo Paraguai.

⁷ Wilson Bueno é considerado o fundador do portunhol selvagem na literatura brasileira.

⁸ Atualmente é considerado pela crítica literária como o maior representante do portunhol selvagem. Seus livros narrativos e poéticos, entrevistas e manifestos são todos escritos a partir dessa linguagem híbrida, sem normas, conceitos e padrões, como se vê nas obras *Uma flor na solapa da miséria* (DIEGUES, 2007) e *Dá gusto andar desnudo por estas selvas: sonetos salvajes* (DIEGUES, 2002).

⁹ Também com a proposta de uma linguagem própria e transgressora fundada na dinâmica da fronteira Brasil/Paraguai, Joca Terrón (2008) publicou o livro *Transportuñol borracho*.

¹⁰ Destacamos duas obras de Xico Sá. *Caballeros solitários rumo ao sol poente* (SÁ, 2007a) e *La mujer és ungluebo da muerte* (SÁ, 2007b).

¹¹ A obra de Ronaldo Bressane (2008) cuja linguagem é representativa dessa mescla entre línguas se intitula *Cada vez que ella dice xis*.

¹² Clara Averbuck (2008) se destaca nessa linha estética com o livro *Nossa Senhora da Pequena Morte*.

“portunhol”, o fato é que todos/as trabalham com a mesma força motriz: o hibridismo próprio da língua oral fronteiriça representado em um “poética de fronteira”, como se vê nos exemplos abaixo:

Ahora es el drama. Añaretã. Añaretãmeguá. [...] la lingua, el sexo em los múltiplos idiomas, ayvu, casi asi como una rosa deflorada, la muerte e el sexo nada hablan pero como esplendiente se siente – el ventre que se eriza, el troar sonante de la piel tocada de deseo y coma, elaire, todo elaire como se fuera, engasgos, uma sede que no la sacia sequer la água y el miedo pronto de que, más un poco, el duro sol pueda secar a las calles donde imperam los prostíbulo ô los bares del casi – vacios y muertos destocansaço por nadie e ninguém (BUENO, 2005, p. 15).

Pienso que estas curioso para conocer quién soy, pero soy uno que no tiene nombre habitual. Mío nombre depende de vos. Me llame como quisiera. Si pensarem alguna cosa que sucedió hace mucho tiempo, En uno que lbe fez uma pergunta y no sabias la respuesta.

Eso és mí nombre (TERRON, 2008, p. 20).

Na literatura paraguaia atual esse recurso estético em forma de língua-movimento é praticado por um grupo de escritores e escritoras como Jorge Canese,¹³ Cristiano Bogado, Edgar Pou, Monteserrat Álvarez, Puba Abaroa,¹⁴ entre outros/as. Em 2007, a maioria dos/as componentes desses dois grupos – o brasileiro e o paraguaio – em conjunto com autores/as argentinos/as criaram o Encontro “Interfronteiras do Portunhol Selvagem”, realizado na cidade de Assunção, conforme divulgação no jornal *Folha de São Paulo*, sob o título “Hablás portunhol?”¹⁵. Diversos textos, entre poemas e narrativas, foram lançados durante este Encontro em formato impresso e/ou em canais eletrônicos, sobretudo em blogs, a exemplo do blog “Poetas das 3 fronteiras”. Todavia, o Encontro não teve por objetivo nenhum tipo de oficialização do idioma oral. Em entrevista a Evandro Rodrigues, Douglas Diegues afirma que “*oficializar el portunholito selvagem es una de las formas que podem ser utilizadas para tentar suicidar-lo como a un Van Gogh triplefronterero!*”. Neste sentindo, ainda nas palavras do autor, seu “portunhol selvagem”, é apenas “[...] *un fenómeno estético nuevo nel atual panorama. Una forma nueva de dizer coisas viehas y nuevas de miles de maneras próprias diferentes [...] brota del fondo del fondo de cada de maneira originale*” (RODRIGUES, 2011a). Portanto, se de um lado, o portunhol é uma língua secular e efetivamente oral, por outro, ainda que não seja sistematizada, ganha, atualmente, impulso na escrita literária. Para Douglas Diegues:

¹³ O autor integra o grupo que dissemina o portunhol selvaje. A mais recente obra escrita nesta linguagem é (*Para mí*) *venenos* (CANESE, 2013). Foram produzidos apenas 50 exemplares de forma artesanal. Contudo, o livro está disponível no site do portal guarani: www.portalguarani.com/357_jorge_canese/20505__para_mi_venenos_2013__jorge_canese.html. Seus trabalhos também podem ser vistos no Blog *Poetas das 3 fronteiras* disponível em: <http://p3f.blogspot.com>. Acesso em: 14 fev. 2023.

¹⁴ As biografias de todas esses autores e os títulos de suas obras estão disponíveis no Portal Guarani: <http://www.portalguarani.com>. Acesso em: 14 fev. 2023.

¹⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2811200707.htm>. Acesso em: 20 maio 2021.

[...] *u portunhol salvaje es la lengua falada em la frontera du Brasil com u Paraguai por la gente simples que increíblemente sobrevive de teimosia, brisa, amor al imposible, mandioca, vento y carne de vaca. Es la lengua de las putas que de noite vendem seus sexos em la linha de la fronteira. Brota como flor de la bosta de las vakas. Es una lengua bizarra, subfronteriza, rupestre, feia, bella, diferente. Pero tiene una graça salvaje que impacta. Es la lengua de mis abuelos. Porque ellos sempre falaram em portunhol salvaje comigo. Us poetas de vanguardia primitivos, ancestrales de los poetas contemporáneos de vanguardia primitiva, no conociam u lenguaje poético, justamente porque ellos solo conociam um lenguaje, el lenguaje poético. Como los habitantes de las fronteras du Brasil com u Paraguai acontece mais ou menos la misma coisa. Ellos solo conocen u lenguaje poético, porque ellos no conocen, no conocen, outro lenguaje. El portunhol selvaje es una música diferente, feita de ruidos, rimas nunca vistas, amor, agua, sangre, árboles, piedras, sol, viento, fuego, esperma (DIEGUES, 2007, p. 3)¹⁶.*

Essa linguagem ou esse non-idioma, híbrida e transgressora, gestada no cotidiano social daqueles que habitam a região de fronteira, fez de suas variantes linguísticas não só um projeto poético/ estético, mas também ético e político, sobretudo porque ao ser registrada escrituralmente atribui uma certa “oficialidade ao inexistente” de comunicação poética/pública. No ano de 2008, uma “carta manifesto” escrita em “portunhol selvagem” e intitulada “Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem”, foi direcionada ao então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e ao chefe do Estado-nação do Paraguai Fernando Lugo. A carta pede a quebra do contrato vigente de Itaipú Bi-nacional e propõe que se inventem um outro, mais justo em todos os sentidos, e se possível todo escrito em “portunhol selvagem”, como se vê no trecho abaixo retirado da matéria “Confira o manifesto em defesa do ‘portunhol selvagem’”, publicada em *O Globo*:

Nosotros poetas y demás artistas reunidos em la kapital mundial de la ficción 2008 escribimos esta karta-manifesto a Lula y a Lugo para pedirles que non deixem de hacer algo que solamente Lugo y Lula lo pueden hacer: QUEMAR EL CONTRATO VIGENTE DE LA ITAIPÚ BINACIONAL. Contrato redigido por ditadores em época de ditaduras y que hasta el PRESENTE PRESENTE apenas ha servido para dificultar las buenas relaciones, la integración cultural, política y económica entre ambos países fronteros desde 1870 hasta el 2008 que nos toca vivir. Después de QUEMAR com fuego guaranitiko, fuego incorruptible, fuego del amor amor, fuego divino, fuego humano, fuego inhumano, el mencionado contrato mau de Itaipu Binacional, pedimos a Lugo y a Lula y a Itamaraty que inventem un nuevo contrato que de hecho seja justo y beneficie de fato a ambos paí- ses en la mesma medida y si possível escrito em portunhol selvagem, la lengua mais hermosa de la triple frontera, pues que nel portunhol selvagem cabem todas las lenguas del Brasil y del Paraguay (incluso las amerindias) y todas las lenguas del mundo. (Apud SÁ, 2008).

¹⁶ Outros exemplos podem ser visto nos livros *Dá gusto andar desnudo por estas selvas* (DIEGUES, 2002). É importante ressaltar que o autor inaugurou a editora YiYi Jambo, especializada em lançar e traduzir títulos em *portunhol selvagem*. Dispõe, também, de um blog escrito nessa inovadora linguagem. Ver em: www.portunholselvagem.blogspot.com.br. Acesso em: 14 fev. 2023.

Na literatura, as publicações das mais diferentes variantes do “portunhol” estão intimamente relacionadas ao projeto das editoras cartoneras. Criadas por meio de movimentos literários, filosóficos, políticos, ecológicos e culturais na América Latina – originalmente na região da “triplefrontera”, Argentina, Paraguai e Brasil – as cartoneras são editoras que põe em discussão temas como o capital econômico e as relações de poder que envolvem consagradas editoras e a inclusão/exclusão social. Os textos publicados pelas cartoneras são cedidos por autores/as e sua produção material é feita de forma artesanal, oriunda de papelões comprados de catadores/as a um custo de preço menor ao do mercado. O lixo em forma de papelão torna-se livro e seus exemplares são vendidos a baixo custo, rompendo, assim, com a forma tradicional de produção e consumo da arte.¹⁷ A primeira cartonera surge em 2003 na Argentina e de lá para cá, segundo pesquisa de Evandro Rodrigues (2011b), há um número estimado de 41 editoras espalhadas pela América latina, África e Europa. Uma das principais cartoneras, YiYi Jambo, está situada no Paraguai e foi fundada por Douglas Diegues e “El domador dy Yakarés” (pseudônimo do artista plástico Amarildo Garcia). Juntos elaboram o manifesto YiYi Jambo cujo objetivo é democratizar a literatura e reconhecer o “portunhol selvagem” enquanto “libertá de lenguaje”:

Qué Yiyi Jambo y las demais kartoneras sigam brotando como flor de la bosta de las vakas fronterizas y de las crisis economicas y de las crisis de imaginacione y de la bosta de todas las crisis, desde Kurepilandia a Asuncionlândia, desde Bolilandia a Perukalândia, desde Nerudalândia a Mexicolândia, desde el mundo enkilombado de qualquer parte a la kapital mundial de la ficcion junto al lago azul de Ypakarái. (DIEGUES *apud* RODRIGUES, 2011a, p.144).

Sem regras preestabelecidas, o “portunhol” não se restringe necessariamente a mesclas de línguas em sua composição escritural. Ele se abre a outras formas de incursões linguísticas, por vezes há somente o uso do espanhol, por outra, só do português, ou de qualquer outra língua, como o inglês, num mesmo discurso, numa mesma narrativa ou estrofe, a exemplo do livro da autora Alai Garcia Diniz (2009), *Ventri loca* (editora Katarina Kartonera) cuja composição reafirma a autonomia e o livre jogo dessa língua fronteiriça.

Do lado paraguaio acrescenta-se o bilinguismo oficial com o uso do espanhol e do guarani. No cotidiano, entretanto, é comum ouvir os paraguaios se comunicarem por meio do jopará, mistura da língua espanhola e guarani. Essa “nova língua” está de tal forma incorporada ao cotidiano da população paraguaia a ponto de existirem jornais inteiramente escritos a partir dela, como o “Diário Popular”, de Ciudad del Este.¹⁸ Na literatura Paraguaia nomes como os de Josefina Plá, Roa Bastos e, mais recentemente, Susy Delgado empregam o jopará e, por extensão, põe em debate uma suposta identidade cultural do país por meio de linguagens em estado de mobilidade, ressignificação e,

¹⁷ As principais editoras cartoneras são: Dulcinéia Catadora e Katarina Kartonera, no Brasil; YiYi Jambo no Paraguai; Barco Borracho, na Argentina, entre outras. Para a leitura detalhada consulte Rodrigues, (2011b).

¹⁸ Sobre essa questão ver Martino (2010).

sobretudo, de memória. Desde os estudos de Michel Foucault (2007), sabe-se que a memória é dado o poder de reescrever, ressignificar o passado no presente com vistas ao futuro. É justamente nesta fissura temporal e suas extensões em formas outras de narrar que vejo a literatura escrita em “portunhol selvagem/borrachio”, “jopara” e “Ñe ê Ngatu”, como representativa das idiossincrasias específicas da fronteira. Enquanto produto cultural, a literatura do “portunhol” busca valorar e visibilizar a localização enunciativa e, por extensão, resistir ao canônico.

Enquanto componente da natureza do literário, a manipulação da linguagem é um recurso a partir do qual é possível pensar historicamente e politicamente os lugares, as identidades e as culturas, como é o caso da relação entre o “portunhol” (e suas variantes) e o entre-lugar fronteiriço aqui em debate. Os cruzamentos linguísticos apreendidos e iminentes nessas escrituras, captados do cotidiano dos sujeitos fronteiriços, se fazem igualmente visíveis no compartilhamento de uma das maiores práticas culturais de paraguaios e sul-mato-grossenses, o tereré. Presente em livros como *Selva trágica, Chão bruto e Filhos do destino*, de Hernâni Donato (2011, 1956, 1980), *Contos crioulos, Vivência ervateira, Os heróis da erva e Pelas orilhas da fronteira*, de Hélio Serejo (2008e)¹⁹, a cultura do consumo e da produção realizadas pelos ervateiros da fronteira são apontados pelos autores enquanto constructos representativos de pluralidades étnicas e culturais designado por Serejo como criouliismo²⁰, próprio dessa zona lindeira:

Disseram já, e é verdade, que o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil. Afirmativa sem contestación. Esta bebida criouja, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troca, parceria para o trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de ideia para a fuga temerária (SEREJO, 2008a, p. 197).

Essas obras são uma espécie de sùmula das tradições dos usos e costumes regionais e apresentam o plantio e a extração da erva-mate na fronteira com o Paraguai como um dos primeiros ciclos econômicos do Estado de Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul, juntamente com a povoação das cidades brasileiras da fronteira, como Ponta Porã, Bela Vista, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Dourados, Rio Brillhante, Caarapó, Porto Murtinho, Iguatemi, Tacuru, entre outras. As descrições dos peões ervateiros, principalmente paraguaios, guaranis e sul-mato-grossenses, revelam não só suas bravuras, como também a exploração desumana de homens e mulheres nas lavouras de erva-mate.

Em seu último livro, *Fiapos de regionalismo* (SEREJO, 2008b), Hélio Serejo trata de forma sensível, reflexiva e criativa a cultura da paisagem fronteiriça Brasil/Paraguai. No relato “Boicarã”, (SEREJO, 2008c, p.170-171) o escritor atribui vida a um boi que

¹⁹ Estes quatro livros de Hélio Serejo (2008e) estão compilados no livro *Obras Completas*.

²⁰ O conceito de criouliismo proposto por Hélio Serejo é característico da condição cultural híbrida daqueles que vivem na fronteira Brasil/Paraguai. Sobre esta reflexão teórica ver Braucks e Barzotto (2011). Nesse texto, as autoras discutem a origem do termo criouliismo e a maneira como o autor sul-mato-grossense o incorpora em sua literatura, sobretudo no livro *Contos Crioulos* (SEREJO, 2008f).

nasceu nas “orilhas da fronteira” dando forma escrita à lenda do boi fronteiriço. Já em “Peão paraguaio”, a fauna e a flora são batizadas com a língua guarani:

Nesta língua encontramos ideias onomatopaicas, acentos melódicos dos pássaros, das árvores, dos animais silvestres, das cascatas, dos mansos córregos, dos majestosos rios, dos campos floridos, o sibilar dos ventos, o barulho ensurdecedor das tormentas, a magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza (SEREJO, 2008d, p.178).

Todo esse caldo cultural da fronteira originou outros mitos, como se vê no romance de Brígido Ibanhes (2011), *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, cuja narrativa aborda a vida e os feitos do migrante e “herói bandoleiro” Silvino Jacques²¹ em terras fronteiriças. Já em sua sexta edição, o livro abarca as lendas da fronteira, as violências dos coronéis pelo domínio de terras e o linguajar aguaranizado, típico do sujeito da fronteira.

A lendária festa paraguaia do Toro Candil é comemorada anualmente na cidade sul-mato-grossense de Porto Murtinho, desde a sua introdução feita por uma família de imigrantes paraguaios na década de 1940. O Toro Candil parece consignar em sua memória ancestral traços do Touro de Minos, “fera” metade homem, metade touro, pois se apresenta metade touro e metade mascarita, ou ainda metade Brasil e metade Paraguai, a exemplo das bandeiras das duas nações que enfeitam respectivamente o lado esquerdo e direito do touro (TEDESCO, 2011).

No Estado de Mato Grosso do Sul é comum encontrarmos espaços públicos dedicados à cultura do Paraguai. Na cidade de Dourados (MS) construiu-se a “Praça paraguaia” em homenagem à colônia lá existente e, em destaque, a imagem da Virgem Caacupê, padroeira do Paraguai. Um grande monumento que representa a cuia e a bomba utilizadas para beber o tereré está no centro da cidade. Em Campo Grande a conhecida colônia paraguaia, situada no bairro Pioneiros, dispõe de um clube próprio que patrocina festejos e culinária típicas. Fundada em 1973, é a maior do país com cerca de 750 famílias associadas. Todo segundo domingo de cada mês a associação reúne aproximadamente mil pessoas para festejos culturais e, anualmente, em 8 de dezembro, promove a Festa da Virgem de Caacupê e novenas distribuídas pelos bairros onde residem as famílias e descendentes de paraguaios. Há, inclusive, um programa na estação de rádio FM Educativa 104,7, vinculada ao Estado de Mato Grosso do Sul e situada em Campo Grande, que dedica uma programação diária à música e cultura paraguaias. Atualmente o tradicional programa se intitula “A hora do chamamé”, uma referência a um dos ritmos expoentes da musicalidade da nação guarani. Outro importante programa desenvolvido por esta mesma rádio foi o “Ñe é Ngatu”, apresentado pela paraguaia radicada no Brasil Margarida Román entre os anos de 2011 a 2016.

Ainda em Campo Grande, cidade em que vivo, o Bairro “Vila Popular” conta com cerca de oito mil habitantes, sendo a maioria composta por paraguaios ou descendentes.²²

²¹ Embora tenha nascido no Rio Grande do Sul, Jacques se considerava sul-mato-grossense.

²² Sobre essa questão Lindomar José Bois (2005) publicou um interessante artigo intitulado “Campo Grande, a Vila Popular e a cultura paraguaia contada por seus moradores”.

No município de Ponta Porã, cujo território faz fronteira seca com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, o jornal impresso de maior circulação é o *Che fronteira*, uma menção direta às particularidades territoriais daquele lugar.

A maioria dos habitantes de Mato Grosso de Sul toma diariamente a típica bebida paraguaia: o tereré.²³ É muito comum encontrar ao entardecer do dia famílias e amigos reunidos em frente às casas em uma “roda de tereré”. Mesmo nas repartições públicas, escritórios ou comércio, a bebida está presente, o que a tornou uma verdadeira instituição. Na culinária, a chipa e a sopa paraguaias estão frequentemente na mesa do cidadão sul-mato-grossense.

Influenciado pela música paraguaia desde a infância, Jerry Espíndola²⁴ criou a polca-rock, fundindo ao extremo os ritmos paraguaios com ska, reggae, funk, blues e rock’n roll. Nas palavras do músico,

Esta influência veio de forma natural porque crescemos ouvindo a música paraguaia. Em minha casa tinha muitas serenatas com duplas paraguaias e o Paraguai já estava cantado nas músicas que meus irmãos compunham. Por isso a música moderna daqui ganhou este toque diferente de tudo que se faz no Brasil, o que se torna uma barreira para cair no gosto popular do país. (ESPÍNDOLA *apud* TEIXEIRA, 2012).

A intervenção da cultura paraguaia no Estado de Mato Grosso do Sul é tanta que em 2001 foi instituído no Estado, por meio da Lei Estadual nº 2.235, o Dia do Povo paraguaio, comemorado todo 14 de maio, data da independência da nação guarani. Há, inclusive, uma expressão popular utilizada no Estado: “Mato Grosso do Sul: o Paraguai é aqui”²⁵.

No plano das políticas públicas do Estado instituiu-se entre 1999 e 2006 o projeto Escola Guaicuru – vivendo uma nova lição – aplicado no ensino médio,²⁶ e na saúde pública figura o SIS Fronteira,²⁷ ainda em vigor, apesar da precariedade e do projeto ainda não ter se concretizado efetivamente na região em virtude da dificuldade do Estado em cumprir as metas pactuadas com o Governo Federal.

As experiências e o cotidiano daqueles que habitam a fronteira se fazem igualmente verificáveis em diversos livros memorialísticos de sul-mato-grossenses.²⁸ *Camalotes e guavirais* (1989), de Ulisses Serra reúne desde o título dois representativos marcos culturais

²³ O tereré é uma bebida servida em uma cunha com erva-mate e água gelada.

²⁴ Cantor, compositor e músico sul-mato-grossense. Irmão da cantora Tetê Espíndola, do cantor Geraldo Espíndola e do artista plástico Humberto Espíndola.

²⁵ Esta expressão é utilizada por alguns meios midiáticos, como o blog Overmundo. Ver Teixeira (2006).

²⁶ Ver Fernandes e D’Avila (2010).

²⁷ O projeto Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras (SIS-Fronteiras) foi criado em 2005 pelo Ministério da Saúde para ampliar a capacidade operacional dos municípios fronteiriços que atraem visitas regulares de pacientes oriundos dos países vizinhos. Cf. Portaria GM/ MS n. 1.120, de 6 de julho de 2005.

²⁸ O professor Paulo Bungart Neto fez um minucioso levantamento da bibliografia de livros de memórias em Mato Grosso do Sul. Ver Bungart Neto (2009).

da natureza regional: o camalote, espécie de vitória-régia, planta comum ao longo do Rio Paraguai e a guavira, fruta amarelada e ácida. Esse território limítrofe recebe projeção nacional nas páginas de Visconde de Taunay com as obras *Inocência* (TAUNAY, 2000) cujo enredo se passa em terras sul-mato-grossenses e *A retirada de Laguna* (TAUNAY, 2003), sobre a Guerra do Paraguai. Juntamente com as vozes de Almir Sater²⁹ e Paulo Simões³⁰ cantamos o lugar em que o Brasil já foi Paraguai:

Mato Grosso encerra em sua própria terra
Sonhos guaranis
[...]
Mato Grosso espera esquecer quisera
O som dos fuzis
Se não fosse a guerra
Quem sabe hoje era um outro país
[...]
E cego é o coração que trai
Aquela voz primeira que de dentro sai
E às vezes me deixa assim ao
Revelar que eu vim da fronteira onde
O Brasil foi Paraguai.³¹

Nesta perspectiva, literatura, folclore, linguagens e festas populares se juntam aos hábitos cotidianos formando uma imensa cultura *brasiguaiá*, próprio de um lugar outro, um terceiro espaço, um entre-lugar, composto de constantes integrações, resistências, singularidades e pluralidades entre identidades, culturas e línguas.

Os versos de Raquel Naveira (1997) em *Guerra entre irmãos: Poemas inspirados na Guerra do Paraguai* evocam vozes invisíveis de mulheres, bem como as idiosincrasias histórias e interculturais da fronteira marcadas, como quer Walter Mignolo (2003, p.164), por sensibilidades geo-históricas que se relacionam com um sentido de territorialidade, ou melhor, de multiterritorialidade fronteiriça “[...] incluindo a língua, o alimento, os odores, a paisagem, o clima e todos os signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares”.

Era uma mulher livre,
Uma kigüá-verá,
Como minha mãe,
Como minha avó;
No mercado vendia verduras,

²⁹ Reconhecido por sua particular música sertaneja, o campo grandense Almir Sater é violeiro, compositor, cantor e ator.

³⁰ O cantor e compositor Paulo Simões nasceu no Rio de Janeiro, mas optou por residir em Campo Grande, onde, desde a adolescência, firmou parcerias musicais com Almir Sater e os irmãos Espíndola. A música “D de destino”, composta em parceria com Renato Teixeira e Almir Sater foi indicada ao 17º Grammy na categoria melhor música em português.

³¹ Trecho da música *Sonhos Guaranis*. Composição de Almir Sater e Paulo Simões.

Chipas de tapioca,
Bolos de vitória-régia,
Vestia blusas brancas de nhanduti
E saias com estampas fortes,
Gostava de jóias,
Enfeitava meus cabelos negros
Com feiras de crisólitos
E um pente de ouro.
Hoje sou uma “galopera”,
Uma “vivandeira”
Rondando acampamentos,
Por qualquer preço
Ofereço minha gruta,
Minha rosa secreta.
Passo rouge de sangue na minha face de assucena,
Ponho um colar de vaga-lumes vivos
E saio pela noite,
Acesa e fosforescente.
(NAVEIRA, 1997, p. 35).

A temática da Guerra do Paraguai/Guerra Gasú – ou Guerra do Brasil, ou Guerra Grande, ou Guerra da Tríplice Aliança, dependendo da posição adotada – tem merecido destaque, ainda hoje, nas obras literárias de escritores dessa região, sobretudo na literatura paraguaia, como é o caso de *Inca* (1920, editada em 1965), de Ercilia López de Blomberg (1965), primeira novela de uma mulher paraguaia, *Crónica de una familia* (1966), de Ana Iris Chaves, *Caballero*, de Guido Rodríguez Alcalá (1986), Renée Ferrer com o conto “Santa”, do livro *La Seca y otros cuentos*, (1986), *Residentas, destinadas y traidoras* (1991), de Helio Vera, *Una herencia peligrosa* (1993), de Michael Brunotte, *El goto*, (1998), de José Eduardo Alcazar, *Pancha*, (2000) de Maybell Lebrón, *El dedo trémulo*, (2002), de Esteban Cabañas e, mais recentemente, *Alianza para la muerte (2005)*, de Mario Vidal.³² Há, ainda, *O Livro da Guerra Grande*, do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, do brasileiro Eric Nepomuceno, do argentino Alejandro Maciel e do uruguaio Omar Prego Gadea, escrito, portanto, a quatro mãos (ROA BASTOS *et al.*, 2002). Necessário se faz registrar o polêmico livro de Lily Tuck, *The News From Paraguay*, ganhador do *National Book Awards*, dos Estados Unidos em 2004, cujo enredo enfoca a vida do casal Elisa Lynch y Francisco Solano López durante a Guerra Grande.³³ Teresa Lamas Alcalá, primeira mulher a publicar um livro no Paraguai, ganhou em 1919 o concurso *El Diálogo* com o conto *La Vengadora*, um relato ambientado nas trincheiras de Curupaity durante a Guerra.

³² Essas e outras informações sobre a presença da Guerra do Paraguai na História da Literatura paraguaia podem ser encontradas no texto de Pizarro (2006).

³³ O mito que envolve a irlandesa Elisa Alicia Lynch é um dos mais conhecidos do Paraguai. Revolucionária por deixar o marido em uma época em que raramente isto ocorria, La Madama, como era conhecida, mudou-se de Paris para o Paraguai para ficar ao lado do amado Solano López. Durante a Guerra Grande foi o grande símbolo de mulher resistente e guerreira da nação guarani.

No Brasil, atualmente, destacam-se os livros *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira (1980), *Morro Azul: estórias pantaneiras*, de Aglay Trindade Nantes (2010), o livro em quadrinhos *Adeus, chamego amigo*, de André Toral (1999), *Guerra do Brasil: contos da Guerra do Paraguai*, de Silvio Back (2010), *A linha Negra*, de Mario Teixeira (2014), *O rastro do jaguar*, de Murilo Carvalho (2008), *Cunhataí: Um romance da Guerra do Paraguai*, de Maria Filomena Bouissou Lepecki (2003), entre outros. A Guerra do Paraguai foi tema de produções literárias desde o início de suas batalhas, a exemplo dos poemas de Castro Alves (1870) nos recitativos para angariar fundos para os Voluntários da Pátria: *Pesadelo de Humaitá* e *Quem dá aos pobres empresta a Deus*; passando por *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis (1878), Dyonélio Machado entre outros.

Uma questão extremamente curiosa em relação à Guerra do Paraguai é a variedade de versões dela extraídas. São muitas as narrativas apresentadas sobre as suas causas, tanto na história oficial quanto na literatura do Paraguai e do Brasil. No caso da vasta produção literária sobre o tema pode-se dizer que ela ocupa os vácuos que a historiografia não consegue, não quer ou não pode cobrir, como é o caso da participação das mulheres brasileiras na Guerra, problematizado em *Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai*, de Maria Filomena Lepecki (2003).

Como se vê, os textos aqui apresentados apontam para as ambiguidades próprias dos movimentos, mas, sobretudo, me soam como um convite a adentrarmos mais profundamente nas diversas esferas das quais elas se compõe. Seguir esse caminho é uma possibilidade para se questionar, por exemplo, as relações motivadoras dos deslocamentos dos sujeitos e o modo como se articulam. O que não se pode perder de vista é o fato da fronteira ser produtora “[...] de modos de viver e de pensar específicos do lugar” (NOLASCO, 2013, p. 15) o que justifica o trabalho de (re)conhecimento e a valoração de outras forma de vidas, ou seja, das marcas históricas, sociais e culturais da fronteira Brasil/Paraguai como procurei apresentar por intermédio dos artefatos culturais aqui apresentados e suas perspectivas de pertencimento a um *locus* que se constitui, por um lado, mediante o encontro permanente das diferenças e de intercâmbios e, por outro, de resistências e negações. A partir dessa leitura analítica é possível, portanto, pensar nas produções culturais aqui descritas como veículos a partir dos quais podemos ler nossa memória e os modos de ser e sentir de um povo lindeiro, fronteiriço, instalado no limiar de um entre-lugar.

OLIVEIRA, G. Q. de. Literature, culture and language on/on the Brazil/Paraguay border. *Revista de Letras*, São Paulo, v.62, n.1, p.67-81, 2022.

- **ABSTRACT:** *The purpose of this article is to reflect on the cultural, symbolic and identity dynamics in/from the territory of the Brazil/Paraguay border based on literature and other artifacts of the present culture, such as music, language, folklore, monuments, among others. As a member of this bordering place, I try to think of it as a locus that is constituted through hybridisms, contacts, distances, conflicts and refusals. The proposal*

is to go far beyond the map and think about how this location is constructed by constant cultural movements in scales of acts, bodies and languages in order to break assumptions of ontological priority and establish other, alternative territories. For this, it is necessary to apprehend the border region not only as an “object of study”, but, above all, as a place that produces historical and cultural idiosyncrasies that are specifically inventive, contingent and particular.

- **KEYWORDS:** *Literature; culture; Brazil-Paraguay border.*

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, H. **Planetas sem boca**. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

ALCALÁ, G. R. **Caballero**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1986. Disponível em https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/caballero--1/html/ff2fdd88-82b1-11d1-facc7-002185ce6064_3.html#I_0_. Acesso em: 23 fev. 2023.

ALVES, C. **Espumas flutuantes**: Poesias de Castro Alves. Salvador, BA: Tipografia de Camilo de Lellis Masson, 1870. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=132499>. Acesso em: 10 fev. 2023.

AVERBUCK, C. **Nossa Senhora da Pequena Morte**. São Paulo: Bispo, 2008.

ASSIS, M. de. **Iaiá Garcia**. Niterói, RJ: O Cruzeiro, 1878. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=136483>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BACK, S. **Guerra do Brasil**: contos da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Topbook, 2010.

BLOMBERG, E. L. **Inca**. Buenos Aires: [s.n.], 1965.

BOIS, L. J. Campo Grande, a Vila Popular e a cultura paraguaia contada por seus moradores. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais** [...], Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206369_aac803ec9401c6e34188bb5ea72c23cb.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRAUCKS, N. C. M.; BARZOTTO, L. A. O criouliismo de Hélio Serejo: uma representação literária do regionalismo no Mato Grosso do Sul. **Revista Estudos Literários da UEMS**, Campo Grande, ano 2, v.1, 2011.

BRESSANE, R. **Cada vez que ella dice xis**. Asunción: Yiyi Jambo, 2008.

BUENO, W. **Mar paraguayo**. Curitiba: Secretaria da Cultura do Paraná; São Paulo: Iluminuras, 2005.

- BUNGART NETO, P. O memorialismo no Mato Grosso do Sul como testemunho da formação do Estado. *In*: SANTOS, P. S. N. dos. **Literatura e práticas culturais**. Dourados: Ed. da UFGD, 2009. p.111.
- CANESE, J. (**Para mim**) **venenos**. Maldonado, Uruguai: Trópico Sur Editor, 2013.
- CARVALHO, M. **O rastro do jaguar**. São Paulo: Leya, 2008.
- CERQUEIRA, D. **Reminiscências da campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- DIEGUES, D. **Uma flor na solapa da miséria**. Asunción: Yiyi Jambo, 2007.
- DIEGUES, D. **Dá gosto andar desnudo por estas selvas**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002.
- DINIZ, A. **Ventri Loca**. Florianópolis: Katarina Kartoner, 2009.
- DONATO, H. **Selva trágica**. Taubaté: Letra Selvagem, 2011.
- DONATO, H. **Filhos do destino**. São Paulo: Clube do Livro, 1980.
- DONATO, H. **Chão bruto**. São Paulo: Rede Latina, 1956.
- FERNANDES, M. D. E.; D'AVILA, J. L. A convivência entre o programa Escola Guaicuru: vivendo uma nova lição e o Programa Melhoria e Expansão do Ensino Médio: (Promed/Escola Jovem) no estado de Mato Grosso do Sul. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/1685>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- IBANHES, B. **Silvino Jacques: O último dos bandoleiros: história real**. 6. ed. Dourados: Rosário, 2011.
- LEPECKI, M. F. B. **Cunhataí: Um romance da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Talento, 2003.
- MARTINO, N. Tríplice fronteira: onde os mundos se encontram. **Horizonte Geográfico**, Campo Grande, n. 132, 2010.
- MIGNOLO, W. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- NANTES, A. **Morro Azul: Estórias Pantaneiras**. 4. ed. Campo Grande, MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010.
- NAVEIRA, R. **Guerra entre irmãos: poemas inspirados na Guerra do Paraguai**. 2. ed. Campo Grande, MS: Gráfica Ruy Barbosa, 1997.

NOLASCO, E. C. **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João, 2013.

PIZARRO, M. L. La guerra de la Triple Alianza en la literatura paraguaya. **Nuevo mundo, Mundos nuevos**, Paris, 01 fev. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1623>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ROA BASTOS, A.; MACIEL, A.; GADEA, O.P.; NEPOMUCENO, E. **O Livro da Guerra Grande**. Trad. Josely Viana Baptista *et al.* Rio de Janeiro: Record, 2002.

RODRIGUES, E. Portunhol Selvagem: A língua livre do poeta Douglas Diegues. [Entrevista com Douglas Diegues]. **Loco Porti**: Arte e Cultura da América do Sul, jun. 2011a. Disponível em: <http://locoporti.org.br/2011/06/portunhol-selvagem-lingua-livre-poeta-douglas-diegues/>. Acesso em: 20 maio 2020.

RODRIGUES, E. **Trajetos Kartoneiros**. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011b.

SÁ, F. Manifesto em defesa do ‘portunhol selvagem’: Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 ago. 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/confira-manifesto-em-defesa-do-portunhol-selvagem-3607777>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SÁ, X. **Caballeros solitários rumo ao sol poente**. *São Paulo: Bispo, 2007a*.

SÁ, X. **La mujer és ungluebo da muerte**. Asunción, Paraguay: Yiyi Jambo, 2007b.

SEREJO, H. O tereré que me inspira. *In*: SEREJO, H. **Obras Completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H.Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008a. v.6. p. 197.

SEREJO, H. Fiapos de regionalismos. *In*: SEREJO, H. **Obras Completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul/ Editora Gibim, 2008b. v. 9. p. 242.

SEREJO, H. Boicará. *In*: SEREJO, H. **Obras Completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H.Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008c. v.6. p. 170.

SEREJO, H. Peão paraguaio. *In*: SEREJO, H. **Obras Completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H.Campestrini Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul / Editora Gibim, 2008d. v. 9. p. 178.

SEREJO, H. **Obras completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul/Gibim, 2008e. 9 v.

- SEREJO, H. Contos crioulos. *In*: SEREJO, H. **Obras Completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul/ Editora Gibim, 2008f. v. 9. p. 50-57; 115- 257.
- TAUNAY, A. E. **A retirada da laguna**: episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Ediouro, 2003.
- TAUNAY, A. E. **Inocência**. 34. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- TEDESCO, G. P. **A brincadeira do Toro Candil**: uma manifestação da memória cultural local. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2011.
- TEIXEIRA, M. **A linha Negra**. São Paulo: Scipione, 2014.
- TEIXEIRA, R. Mato Grosso do Sul: o Paraguai é aqui!. **Paraguay Teete**, 16 mar. 2012. Disponível em: <https://paraguaitete.wordpress.com/2012/03/16/mato-grosso-do-sul-o-paraguai-e-aqui/>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- TEIXEIRA, R. Mato Grosso do Sul: o Paraguai é aqui! **Overmundo**, Campo Grande, 16 nov. 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/mato-grosso-do-sul-o-paraguai-e-aqui>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- TERRON, J. R. **Transportuñol borracho**: 15 joyitas bêbadas de la poesia universal contrabandeadas al portunhol salbaje. Asunción: Yiyi Jambo, 2008.
- TORAL, A. **Adeus, chamego amigo**. São Paulo: Campanhia das Letras, 1999.